

UM TRIENTE SUEVO ACHADO EM SANTARÉM

ANTONINO POIARES

O trabalho que aqui apresentamos tem apenas como objectivo prioritário dar a conhecer o aparecimento de uma moeda de ouro sueva achada há alguns anos em terrenos do distrito de Santarém, evento que, como é do conhecimento de estudiosos e colecionadores, só surge, como se costuma dizer, quando o rei faz anos¹. Integrando um pequeno tesouro de cerca de duas dezenas de moedas de ouro da Monarquia Portuguesa que haviam pertencido a um médico de Almeirim que fora, em tempos, o primeiro governador civil do distrito de Santarém – segundo nos narraram os seus herdeiros ao solicitarem-nos a classificação do respectivo monetário para efeitos de partilhas – a referida moeda foi por nós, nessa ocasião, identificada, e adquirida passados alguns tempos com vista à sua divulgação, como tem acontecido também com outras peças.

A moeda em questão é um triente com o peso de 1,15 gr, um diâmetro de 15,75 mm. e uma posição de cunhos correspondente às 13 h. A determinação com microsonda indica, em termos de liga, a seguinte composição : Au 84,75 % , Ag 15,25 % (1). No que concerne à tipologia é, em termos classificativos, perfeitamente integrável no 2.º grupo de W. Reinhart, também conhecido pelo nome de “tipo nacional”. No anverso, contornando um busto masculino com diadema encontra-se a legenda: DN V [...] IENTINIANVS P, cujo texto nos revela imediatamente tratar-se de uma cópia atabalhoada e incompleta de certas titulaturas do numerário de Valentiniano III. Quase encostado ao pescoço do imperador aparece algo que poderá sugerir, no nosso entender, a ponta terminal de um ceptro. Embora se tivesse inspirado em modelos romanos coetâneos, portanto em retratos realistas, o gravador suevo não deixou, todavia, de querer imprimir ao seu trabalho um cunho artístico bastante pessoal, sendo, no busto do imperador, bastante evidentes os vestígios do recurso à caricatura e a um certo surrealismo *avant la lettre*.

No reverso encontramos uma cruz dentro de duas coroas concêntricas, com uma pala de um lado e do outro. Na base, a coroa exterior apresenta-se

¹ Testemunhamos o nosso agradecimento ao Prof. Doutor João C. Pais, autor das análises com microsonda, realizadas nos laboratórios do Centro de Estratigrafia e Paleobiologia da Universidade Nova de Lisboa.

incompleta, factor que no tocante à iconografia do reverso torna esta moeda muito semelhante ao exemplar n.º 10 do catálogo de W. Reinhart. No topo da coroa, ou por desgaste ou por deficiência de cunhagem apenas são detectáveis alguns vestígios de um estrela. Em baixo, no exergo, a única expressão de todo o reverso : COMOB (CON stantinopla OB rycium).



São, de acordo com certos autores, perto de duzentos os exemplares de trientes – há quem também lhe chame tremisses – conhecidos e seriados até à presente data, repartidos por museus, a maior parte, e colecções privadas, os restantes, de Portugal, Espanha e França. Em 1952, o investigador austríaco W. Reinhart, na sua obra “*Historia general del reino hispanico de los suevos*” calculava o universo das moedas suevas, dessa altura, em 130 peças de ouro, e três silíquas de prata com os nomes de Honório e Requiário.

A existência deste numerário durante muito tempo ignorado, e saído das oficinas monetárias daquele povo germânico que, no século V e VI, se estabeleceu, organizou e reinou durante cerca de 175 anos numa larga fatia da faixa ocidental da Hispânia, seria pela primeira vez dada a conhecer no ano de 1865 através de um muito bem estruturado artigo intitulado “*Monnaies d’or suévo-lusitaniennes*” da autoria de dois portugueses, Eduardo Allen e Henrique Teixeira, na *Révue Numismatique*, de Paris.

Com base num *corpus* de nove trientes em bom estado de conservação (estes autores oitocentistas umas vezes chamam-lhes moedas “semi-romanas” outras vezes “quinários”) e sem qualquer bibliografia de apoio, portanto partindo do zero, acabaram por nos deixar uma monografia completíssima, onde os aspectos históricos, tipológicos, iconográficos e

linguísticos daqueles numismas são tratados com profundidade, rigor e clareza. Em termos daquilo que reputamos como essencial, podemos opinar, sem qualquer exagero, que posteriormente pouco mais se tem acrescentado às conclusões daqueles dois autores oitocentistas.

Com excepção do grupo LATINA MVNITA cujas moedas exibem o vocábulo do topónimo mais ou menos completo como por exemplo TVI / Tui e EMERI/ Mérida, e ainda os trientes com as legendas MVRELENSE MVNITA, LEONES MONETA CLARA e SENAPRIA TALASSIAMV, que se poderão desdobrar em topónimos linguisticamente aceitáveis, os restantes trientes conhecidos não vão além de uma simples letra ou sigla no seu reverso cujo desdobramento forçado a tradição, como muitas vezes tem acontecido na história da numismática, acabaria, arbitrariamente, por impor como aconteceu com S: Scalabis/ Santarém; L: Lamecum/ Lamego; P: Portucacale/ Porto, etc. Do mesmo modo, sem o nome do rei suevo que governava aquando da cunhagem das respectivas emissões e tudo isso acrescido ainda de que as fontes literárias tanto coevas como posteriores – Hidácio, Martinho de Dume, Orosio e Isidoro de Sevilha – são completamente omissas em relação àquels dois aspectos, não restam quaisquer dúvidas de que a atribuição que se fizer quanto à nacionalidade dos trientes inventariados terá de ser sempre provisória, por mais bem informado e perspicaz que seja o estudioso. O argumento avançado por alguns investigadores de que basta que tenham sido encontradas em território português ou em território galego, para que se considerem essas moedas emitidas indiscutivelmente pelo Regnum Suevorum, será quanto a nós, em termos numismáticos, uma proposta demasiado audaciosa. Poderão sê-lo, no nosso entender.

O reino suevo não criou uma moeda completamente original, individualizante, com a qual se identificasse. Pelo contrário, nas suas primeiras emissões, quer em termos da iconografia e titulação do anverso quer da temática do reverso, é bem patente da parte dos gravadores suevos a tentativa de imitação das cunhagens de ouro tardo-romanas, nomeadamente os soldos e os trientes dos reinados de Honório e de Valentiniano III.

No entanto é fundamental que não nos deixemos cair na tentação de ver neste gesto falta de imaginação artística, subserviência ou excesso de cortesia perante os representantes do Estado romano com quem estes bárbaros haviam estabelecido um pacto que incluía a lei romana *ad inhabitandum*, aquando da sua chegada a território peninsular em 409 . As motivações que estavam na base dessa imitação eram outras e de índole essencialmente pragmática. Como os guado-suevos conjuntamente com os alanos e os vândalos tivessem contactado directamente com os mais díspares circuitos económicos na sua longa e penosa caminhada de quatro anos, entre 406 e 409 , em direcção ao Ocidente peninsular, desde as margens do médio Danúbio até

à foz do Douro, de imediato concluíram que para poderem comercializar em pé de igualdade com esses povos só havia uma directriz a pôr em prática. Era criar um numerário que se assemelhasse o mais possível ao equivalente romano, nessa época a moeda forte, em termos de imagem, de peso e de lei. É com base nestas premissas que irão surgir as primeiras emissões de sólidos e de trientes suevos, precisamente aquelas emissões que exibem a efigie de Honório e de Valentiniano III, e a que A. Heiss chama, com alguma propriedade, a “Sequência Galega”, cuja circulação se teria verificado entre os anos 411 e 456. Numa primeira fase o peso dos sólidos deveria rondar os 4,5 gr. em concordância com a metrologia romana, para passado pouco tempo começar a oscilar entre os 3,6 e os 3,7 gramas. Será dentro desta segunda fase metrológica que se começarão a cunhar os trientes, os quais, genericamente, podem exibir um peso que vai de 1,10 a 1,25 gramas.

A moeda que nos propusemos divulgar apresenta todas as características inerentes à sequência Galega. De acordo ainda com o mesmo autor seria em Braga, cidade conquistada em 409, e primeira capital deste povo germânico, que teriam tido lugar as primeiras cunhagens suevas, e a síliqua de Requiário exibindo, no reverso, uma cruz entre um B e um R, muito provavelmente, nessa cidade teria sido batida.

Contrariamente ao que acontece com o numerário visigodo peninsular, onde o nome do rei de quem partiu a provisão para a emissão se encontra sempre expresso, as moedas de ouro suevas, por sua vez, nunca o apresentam. O estatuto da *amicitia* que lhes havia sido concedido pelo imperador romano Honório (393-423) assim o exigia e a administração sueva quis, com aquele gesto, dar provas da sua total lealdade.

Se a cunhagem dos sólidos foi efémera, - os suevos cunharam ainda moedas em prata, de que se conhecem raríssimos exemplares, um deles com o nome do rei Requiário (448-456), o primeiro rei católico do reino suevo segundo o cronista Hidácio - o mesmo já não aconteceu com os trientes /tremisses que, embora seja reduzido o número de exemplares que chegaram até nós, teriam sido batidos ao longo de dois séculos, muito provavelmente, até 585, data em que Leogivildo, rei dos visigodos, numa campanha militar levada a cabo, com êxito, no ocidente peninsular, pôs termo ao Regnum Suevorum que havia durado mais de um século e meio.

Bibliografia:

ALLEN, E. A.; TEIXEIRA, H. N., “Monnaies d’or suévo-lusitaniennes” *Revue Numismatique*. Paris, 1865.

BELTRÁN, P., “Interpretaciones de algunas monedas suevas” *Nummus*, nº 6. Porto, 1960.

BOUZA BREY, F., "Una ceca sueva desconocida en la diócesis de Portucale" *Revista de Guimarães*. Guimarães, 1942.

BOUZA BREY, F., "La ceca suevo visigoda de Valencia del Sil" *Zephyrus*, 1953.

CABRAL, J. M. P.; METCAF, D. M., *A moeda sueva*. Porto, 1977.

ENNES, E., "Moedas da época germânica" *O gabinete numismático*. Lisboa, 1927.

GUADÁN, A. M.; GOMNENO, L., "Las copias suevas de los sólidos de Honório" *Nummus*, V. Porto, 1958-1959.

HEISS, A., "Essai sur le monnayage des suèves" *Revue numismatique*. Paris, 1891.

REINHART, W., *Historia general del reino hispanico de los suevos*. Madrid, 1952.

REINHART, W., "El reino hispánico de los suevos y sus monedas" *Archivo Español de Arqueología*, nº 49. Madrid, 1942.